América Latina e as histórias transnacionais, conectadas e cruzadas: a comparação ainda é pertinente para o campo historiográfico?

Latin America and the transnational history, connected history and crossed history: the comparison still relevant for the field of history?

América Latina y las historias transnacionales, conectadas y cruzadas: ¿La comparación aún es pertinente para el campo historiográfico?

Igor Luis Andreo*

Resumo

Parte preponderante dos defensores dos conceitos e das teorias de histórias transnacionais, conectadas e cruzadas, ao propor enfoques renovadores e inovações fundamentais para as análises no campo historiográfico, acaba por colocá-los como antagônicos à história comparada, que passa a ser apresentada como algo completamente superado. Neste artigo, intenta-se apontar as possibilidades de se empregar como complementares, em pesquisas historiográficas entre diferentes regiões latino-americanas, os avancos dessas (relativamente) novas teorias e conceitos com os caminhos enfatizados pela "velha" análise comparativa, além de se destacar a sempre necessária adequação dos métodos, das teorias e dos conceitos aos objetivos e objetos a serem estudados.

Palavras-chave: Comparação. Complementação. Transnacionalidade.

O objetivo deste texto consiste em apresentar alguns pressupostos teórico-metodológicos a partir dos quais se construiu nossa tese de doutoramento em História.

Inicialmente, se faz necessário clarificar ao leitor aquilo que, em linhas gerais, abordamos em nossa tese, cujo título é *Aggiornamento católico e Teologia da Libertação no*

Recebido em 01/07/2016 - Aprovado em 18/12/2016 http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.17n.1.7240

^{*} Doutor pela Universidade Estadual Paulista, Brasil. E-mail: igor_andreo@hotmail.com

Brasil e no México: um estudo histórico-comparativo entre a Revista de Cultura Vozes e a revista Christus (1966-1980).

A ideia de nossa proposta de pesquisa surgiu a partir de reflexões que foram desenvolvidas na dissertação de mestrado Teologia da Libertação e Cultura Política Maia Chiapaneca: o Congresso Indígena de 1974 e as raízes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (ANDREO, 2013), por meio das quais percebemos que as caracterizações e as periodizações, comumente fornecidas para explicar o fenômeno conhecido como Teologia da Libertação, assumiam aspectos peculiares, relativos a cada contexto espacial nos quais se desenvolviam. Ademais, a chamada Teologia Indígena, usualmente pensada como um mero desdobramento da Teologia da Libertação, em suas raízes, surgiu como um fenômeno paralelo e autônomo - o que não significa contraditório¹.

Partindo dessas premissas, realizamos um estudo histórico-comparativo, tendo como fontes a *Revista de Cultura Vozes* (Brasil) e a revista *Christus* (México) dos anos de 1966 a 1980, porque entendermos que esses periódicos desempenharam papel destacado como veículo para expressão de uma parcela significativa dos representantes desses entrelaçamentos entre catolicismo, política progressista e indigenismo no Brasil e no México da segunda metade do século XX e, portanto, podem constituir material importante para investigação de diferenças, similitudes e conexões entre suas características e transformações.

Propomos focar nossa análise nas semelhanças, nas diferenças e nas transformações apresentadas nas páginas de ambas as revistas no que tange aos objetivos, às características e aos limites pensados para o alcance das transformações sociais entendidas como necessárias; e também no tratamento e nas transformações das orientações pastorais, relacionadas às formas de refletir a diversidade étnico-cultural presente no subcontinente latino-americano e de lidar com ela.

Consideramos que parte da relevância desta pesquisa ancora-se em contemplar dois países (Brasil e México) que, apesar da grande disparidade numérica e representativa no que se refere à adesão aos setores da renovação católica progressista², foram alcançados de forma significativa, sobretudo em decorrência das transformações ocorridas no período referente ao nosso recorte temporal (1966-1980), pelas consequências políticas e sociais desses movimentos sócioteológicos³.

Neste texto, intenta alinhar-se, principalmente, às orientações de Maria Ligia Coelho Prado (2005), para a colocação em prática de uma metodologia de história comparada da América Latina. A proposta enfocada pela autora consiste justamente em se empreender uma comparação entre o Brasil com os demais países da América Latina, partindo do pressuposto de que "Na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes [...] não há [...] como escapar das comparações" (PRADO, 2005, p. 12).

A relevância de se realizar uma investigação de história comparada entre o Brasil e outro país latino-americano – no caso, o México – se evidencia ainda mais quando se

constata que a produção de análises históricas comparadas gera resistências, ocupando pouco espaço no cenário brasileiro. Grande parte dessas relutâncias ocorrem em razão de que:

A perspectiva de tomar as fronteiras da nação como os limites *naturais* estabelecidos para a pesquisa histórica é ainda a escolha majoritária. A força persuasiva do nacionalismo continua presente e fortemente estabelecida tanto no cenário da política como também no mundo universitário, onde a centralidade das disciplinas referidas à história nacional é prova cabal dessa visão hegemônica (PRADO, 2005, p. 13).

Por outro lado, Maria Ligia C. Prado afirma que essa recusa da história comparada também diz respeito ao questionamento de seus procedimentos metodológicos e da eficácia de seus resultados. O principal questionamento seria o perigo da adoção de uma visão eurocêntrica, ou seja, de que se tome às características sociais, políticas, culturais, econômicas, enfim, civilizacionais europeias como modelo ideal para realizar a comparação.

A autora procura rebater as principais críticas à comparação apoiando-se em dois pilares: nas orientações do consagrado artigo de Marc Bloch, *Pour une Historie Comparée des societés européenes* (1998)⁴, e na defesa das especificidades epistemológicas do ofício historiográfico.

No texto, Marc Bloch procura construir uma argumentação que responda por que e como comparar e o que esperar como produto de tal empreendimento. Em suma, Bloch defende que a comparação possibilita um aperfeiçoamento da capacidade de generalização do historiador, uma vez que serve

como instrumento técnico para estudar duas realidades nas quais existam certas analogias. Assim sendo, a comparação permitiria perceber as evoluções entre essas sociedades análogas, apontar semelhanças e diferenças e explicá-las.

É possível interpretar que o objetivo principal da proposta de comparação, em Bloch, consiste em pensar a Europa como uma civilização, isto é, como uma região que passou pelos mesmos processos civilizacionais (semelhanças) e, a partir desta percepção, explicar suas diferenças regionais.

A primeira vista, pode-se entender que a comparação, na perspectiva de Bloch, se resumiria ao estudo de grandes Estados (europeus), mas o autor logo deixa claro que isso seria reduzir, em muito, as possibilidades de comparação, sendo que, no texto, como se evidencia, as regiões são construções e não dados alcançados a priori.

Entendemos que a apropriação de Maria Ligia Prado acerca da metodologia proposta por Bloch se assemelha e pode ser resumida nas seguintes palavras de Ciro Flamarion Cardoso:

[...] o método comparativo em que eu creio é feito à maneira de Bloch, não de Max Weber, com aqueles postulados sociológicos que permitem comparar a burocracia de Roma com a do Império Britânico, isso não! [...] eu acredito que os períodos históricos têm forte especificidade e os tipos de sociedade também, portanto, convém comparar o que é muito parecido (CAR-DOSO, 2002, p. 224).

Isso nos remete também ao problema da busca por generalizações e dos modelos de análises elaborados a priori. De acordo com Maria Ligia Prado, esse é o ponto de diferenciação da historiografia praticada atualmente em relação às outras ciências sociais. Desta forma, segundo autora, para empreender uma análise comparativa, o historiador deve evitar: as classificações hierárquicas; a mera justaposição de relatos descritivos; a busca por generalização macro-históricas que privilegiem as estruturas socioeconômicas e sociais - neste ponto, provavelmente existem atritos entre o entendimento de Prado e Cardoso - e reduzem a complexidade, sobretudo latino-americana, a generalizações alcançadas a partir de categorias explicativas previamente construídas; e a importação, para o cenário latino-americano, de modelos interpretativos já estabelecidos e próprios da história europeia.

A última crítica à história comparada rebatida por Prado vem da proposição, que tem Serge Gruzinski como maior entusiasta entre os historiadores latino-americanistas, de substituí-la por uma análise de histórias conectadas⁵. Essa defesa se baseia no argumento de que a história comparada é propícia à construção de análises eurocêntricas associadas a perspectivas dualistas, isto é, sistematicamente concebidas em termos de alteridades, o que resultaria na perda de nuances, empobrecendo e reduzindo o resultado ao apontamento de permanências da divisão entre mundos distintos, muitas vezes hierarquizados. Essa metodologia deveria ser suplantada pelo trabalho com conexões múltiplas, ligadas entre si e em constante comunicação - o que está relacionado com o conceito de mestiçagem, elaborado por Gruzinski (2002)⁶.

Essa perspectiva, apontada por Serge Gruzinski, pode ser exemplificada por meio

de passagens de dois artigos. A primeira consiste na transcrição da palestra Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories (GRUZINSKI, 2001), em que o autor afirma que a história comparada surgiu como alternativa ao tradicional etnocentrismo das academias europeias, mas que, salvo raras exceções isoladas, as produções construídas sob tal perspectiva continuaram tributárias de filosofias ou de teorias da história com caráter eurocêntrico. Para o autor, um dos erros mais graves em que incorrem as histórias comparadas seria o de relegar as "[...] paisagens misturadas, muitas vezes surpreendentes e sempre imprevisíveis" (GRUZINSKI, 2001, p. 176) ao concentrarem-se em visões dualistas que, simploriamente, opõe o Ocidente aos outros, não percebendo as múltiplas e complexas interatividades entre as diversas regiões do mundo moderno para além do mero domínio europeu. Remetendo ao conceito de conexões, de Sajay Subrahmanyam, Gruzinski propõe:

Esta perspectiva significa que estas histórias estão ligadas, conectadas, e que se comunicam entre si. Diante de realidades que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de converter-se em uma espécie de eletricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras (GRUZINSKI, 2001, p. 176).

No segundo artigo, intitulado *Estambul y México* (2007), Gruzinski procura aplicar o método de histórias conectadas. Para tal, emprega como fontes dois textos produzidos no final do século XVI e início do século

XVII, em que um autor turco trata da história mexicana e outro faz o contrário, isto é, de uma história do mundo turco-otomano de uma perspectiva mexicana, ambos os autores utilizando fontes traduzidas para o italiano pelos intelectuais renascentistas. A partir desta descoberta, Gruzinski procura demonstrar que a historiografia comparada adota, irrefletidamente e de maneira rígida, estereótipos de fragmentação que impedem a percepção de conexões mais abrangentes e das particularidades dentro destas mesmas conexões, assim construindo hierarquizações inúteis para compreensão histórica ou encerrando as pesquisas em meras curiosidades localizadas:

> [...] estas dos metrópolis aparecen comúnmente como "periferias exóticas", sobre todo si se las juzga desde el punto de vista de la Europa occidental. Se ve en la una el puro producto de la colonización española y en la otra un punto de avanzada más bien amenazador. Se olvida que estos nuevos actores, que surgen en el paisaje de Renacimiento, les toco ubicarse en el lugar donde se juntan dos mundos: amerindios, asiáticos e ibéricos para México; musulmanes, cristianos, mediterráneos y asiáticos para Estambul [...] Dibujando así una geografía con la que los historiadores casi no nos han familiarizado, tan ocupados como estaban en separar historias, imperios y áreas culturales. Si México encarna el impulso americano de la mundialización ibérica, Estambul sintetiza el dinamismo planetario de los mundos del Islam. El estado del mundo que expresan estas dos ciudades conquistadoras se refleja en sus producciones intelectuales (GRUZINSKI, 2007, p. 270)

Essas propostas da história conectada e a sua exclusão profética da história compa-

rada ligam-se ao conceito de histórias transnacionais, que possui em Michel Espagne (1999) um de seus grandes expoentes. Nessa perspectiva, a ênfase recai sobre os contatos, sobre a dinâmica que une regiões por meio de circulações e de transferências, focadas em elementos culturais. Espagne procura demonstrar como determinadas ideias vão se construindo a partir de contatos entre regiões distintas, por meio de transferências culturais que não são totais, mas causam choques suficientes para levar a um repensar das tradições.

Isso torna prioritário o exame do papel da comunicação, da linguagem e das migrações, e a mestiçagem cultural se faz problema central, levando à busca desses objetos culturais mestiços ou híbridos e de certas zonas culturais também híbridas, mesmo em países com forte identidade, como no caso do estudo de Espagne (1999), situado entre França e Alemanha.

Para a história transnacional, o mais relevante é o fenômeno da recepção, ou seja, de como o objeto estrangeiro é apropriado e reinterpretado no país receptor, tornando-se fundamental desvendar o papel desempenhado pelos mediadores culturais e pelas redes de sociabilidade que se constroem em torno desses indivíduos⁷.

Outra proposta a compor esse quadro, bastante crítico e negador da história comparada, advém do conceito que pode ser traduzido como "histórias cruzadas" e que possui entre seus pioneiros e defensores mais destacados os historiadores Michel Werner e Bénédicte Zimmermann (2006). Além das características comuns com o conceito de "conexões" – ligadas à ênfase

na construção de histórias relacionais com vínculos comunicacionais entre si e que escapam à unilateralidade da preponderância eurocêntrica -, a história cruzada demonstra uma destacada densidade teórico-epistemológica que, partindo de certa tradição hermenêutica, problematiza as próprias categorias de análise do pesquisador: propondo escalas de observação variáveis e adaptadas aos objetos em estudo; fugindo das predeterminações arbitrárias e irrefletidas; e evidenciando o papel ativo e a intervenção subjetiva do pesquisador na construção do próprio objeto, sem negar a empiria deste, destacando, assim, o caráter reflexivo e de construção da compreensão historiográfica. Nessa perspectiva, as principais insuficiências da história comparada estariam ligadas às suas irreflexões teórico-epistemológicas, ao descaso da percepção das interações, das conexões, etc., e ao privilégio da sincronia, desconsiderando a lógica diacrônica dos processos vivenciados nos contextos dos objetos comparados.

Entretanto, Prado afirma que a escolha pela história comparada não é excludente à abordagem das conexões e é possível empreender uma análise comparativa que seja crítica às visões eurocêntricas e que escape aos modelos dicotômicos, sugerindo, assim, que: "há mais complementação entre comparação e conexão, do que exclusão [...] Estou certa de que a produção historiográfica brasileira se enriqueceria se olhasse com mais atenção para as possibilidades da comparação e das conexões" (PRADO, 2005, p. 30).

Além disso, as próprias propostas metodológicas de Marc Bloch (e alguns de seus

exemplos), apesar da ênfase na busca pelas especificidades locais, surgidas a partir de processos espaçotemporais e civilizacionais sincrônicos e da circunscrição ao território europeu, fornecem lugar para enxergar as conexões: "A história comparada é capaz de nos revelar interações anteriormente desconhecidas entre sociedades humanas [...] a comparação poderá discernir relações extremamente antigas entre sociedades historicamente muito diferentes [...]" (BLOCH, 1998, p. 140-142).

Bloch interpreta esses casos como "excepcionais" e ligados à "existência, numa época muito recuada, de uma certa comunidade civilizacional" (BLOCH, 1998. p. 141). Entretanto, essa e outras limitações (inerentes a uma conferência proferida há 84 anos!) não resultam em algo que obrigue, necessariamente, à sua adoção integral juntamente com a proposição de comparação, excluindo, assim, a profícua possibilidade de utilização da comparação, inclusive como forma de percepção de interações e de relações (que muito bem poderiam ser lidas como conexões ou afins) entre sociedades humanas diferentes.

O historiador alemão Jürgen Kocka (2003), apesar de apontar limites à metodologia de história comparada – como o de sua capacidade funcional ser limitada apenas a alguns aspectos das sociedades e não a totalidades históricas –, defende que a análise comparativa foi e ainda pode ser pertinente, uma vez que permite a identificação de questões, a percepção de contrates entre processos e a construção de explicações que o claustro em fronteiras nacionais ou regionais impossibilitaria, além de propiciar um

efeito de libertação frente a possíveis provincianismos arraigados ao imaginário do pesquisador.

Em uma argumentação que se assemelha à de Kocka quanto aos pontos positivos da comparação, Raymond Grew (1990), partindo de Marc Bloch, interpreta a comparação não como um método rígido, mas como uma maneira de pensar, uma atitude útil ao historiador, uma vez que, entre outros fatores, a construção do objeto torna-se evidente na comparação, impedindo que seja visto como algo natural e, assim, obrigando o desenvolvimento do método a partir da construção do objeto e não a priori.

Nesse sentido, concordamos com Pierre Bourdieu, quando argumenta – justificando sua reapropriação do conceito de *habitus* – que:

A decisão de retomar uma palavra da tradição para a reactivar assenta na convicção de que o trabalho de conceptualização pode, também ele, ser cumulativo [...]

A procura da originalidade a todo custo, frequentemente facilitada pela ignorância e a fidelidade religiosa a este ou àquele autor canônico que leva à repetição ritual, impedem, uma e outra, a justa atitude para com a tradição teórica, que consiste em afirmar, ao mesmo tempo, a continuidade e a ruptura, a conservação e a superação, em se apoiar em todo o pensamento disponível sem temer a acusação de seguidismo ou de ecletismo, para ir além dos antecessores, ultrapassados assim por uma utilização nova dos instrumentos para cuja produção eles contribuíram (BOURDIEU, 1989, p. 62-63).

Assim sendo, acreditamos que apreender as conexões não elimina a relevância das reflexões desencadeadas a partir da comparação, e, ademais, para nosso objeto de estudo, as conexões, apesar de não poderem ser relegadas, são mais evidentes do que a percepção – que a comparação permite enfatizar – das distinções espaçotemporais entre manifestações (nas revistas) de um processo sincrônico, isto é, da constituição, das transformações e dos entrelaçamentos das teologias da Libertação e Indígena⁸.

Dessa forma, concordamos com Maria Ligia Prado e ponderamos que, para analisar objetos de pesquisa com características similares ao nosso, mais do que substitutos, as propostas que se apresentam como alternativas inconciliáveis podem, pelo contrário, funcionar como complementos à história comparada e, sobretudo, como fornecedoras de "ressalvas" fundamentais que incitem ao empenho em não cair nas "armadilhas" e nas "tentações" eurocêntricas e dualistas, atentando para as múltiplas e, muitas vezes, insuspeitadas conexões culturais, sociais, políticas e econômicas que se estabeleceram entre as sociedades; aos desenvolvimentos diacrônicos vivenciados nos dois contextos: e ao papel subjetivo e caráter reflexivo da construção, em todas suas etapas, do conhecimento historiográfico.

Abstract

Some of prominent defenders of the concepts and theories of transnational history, connected history and crossed history, when propose renewing approaches and fundamental innovations for analysis in the field of history, poses these as antagonistic to the comparative history, which so happens to be presented as something completely overcome. In this article is proposed to point out the possibilities of employing as complementary, for historical research between different Latin American regions, the progress of these (relatively) new theories and concepts, with the paths emphasized by the "old" comparative analysis, and also highlight the always needed adequacy of methods, theories and concepts to the purposes and objects to be studied.

Keywords: Comparison. Complementation. Transnationality.

Resumen

Parte preponderante de los defensores de los conceptos y teorías de historias transnacionales, conectadas y cruzadas, al proponer enfoques renovadores e innovaciones fundamentales para las analices en el campo historiográfico, acaba por colocar estos como antagónicos a la historia comparada, que de esta forma pasa a ser presentada como algo completamente superado. En este artículo intentase apuntar para las posibilidades de se utilizar como complementares, en pesquisas historiográficas entre di-

ferentes regiones latinoamericanas, los avances de esas (relativamente) nuevas teorías y conceptos, con los caminos enfatizados pela "vieja" analice comparativa, además de también destacar la siempre necesaria adecuación de los métodos, teorías y conceptos a los objetivos y objetos estudiados.

Palabras clave: Comparación. Complementación. Transnacionalidad.

Notas

- Ao menos até meados da década de 1970, as abordagens sociais dos principais expoentes da Teologia da Libertação enfatizavam as questões político-econômicas, relegando as temáticas étnico-teológicas. Um estudo detalhado acerca da Teologia Indígena e dos processos que levaram ao seu surgimento pode ser encontrado em Nicanor Sarmiento Tupayupanqui (1999), e informações mais estritamente ligadas ao contexto brasileiro, em Benedito Prezia (2003). Grosso modo, as raízes da Teologia Indígena estão ligadas, por um lado, à atuação de catequistas indígenas na região da Mesoamérica e dos Andes e, por outro lado, à criação, em 1966, do Departamento de Missões do CELAM e às releituras do Decreto "Ad Gentes" sobre a atividade missionária da Igreja do Concílio Vaticano II (2015). Um marco em que pioneiramente se tornaram evidentes características daquilo que viria a conformar a Teologia Indígena foi o Segundo Encontro do Departamento de Missões do CELAM, realizado em 1968, na cidade de Melgar (Colômbia).
- ² Quantitativamente, o Brasil foi o principal palco de atuação da Teologia da Libertação, enquanto que a participação mexicana, neste movimento, foi das mais discretas. Para mais detalhes sobre o caso mexicano, sugere-se conferir BLANCARTE (1992).
- As consequências políticas e sociais do catolicismo brasileiros são notórias, contribuíram para alavancar importantes movimentos que levaram ao surgimento, entre outros, do Partido dos Trabalhadores (PT), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Para mais detalhes, sugere-se conferir: LÖWY (2000) e MAINWARING (2004). Quanto ao caso do território mexicano,

defendemos, em nossa dissertação de mestrado (ANDREO, 2013), que, entre outras consequências, o catolicismo progressista local foi de fundamental importância para gestar condições que possibilitaram o surgimento do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN), tal qual revelado ao mundo a partir de 1994.

- Optamos por consultar a versão em português do referido texto.
- O conceito de histórias conectadas foi criado pelo historiador indiano radicado na França e especialista no Império Português Sanjay Subrahmanyam como crítica à visão eurocêntrica das inter-relações na história do continente asiático, incompatível com a história comparada. As reflexões de fundo que perpassam o trabalho de Subrahmanyam (1995) no que se refere a esse conceito apontam para a percepção das conexões entre distintas regiões do globo a partir do período moderno, de forma que a Europa não seja pensada como um polo dominante absoluto e modelo hierárquico determinante e único, de onde devem partir as interpretações e a história das demais regiões - o seu foco principal é a Ásia portuguesa -; e as demais regiões, como um resultado exclusivamente subordinado da história europeia.
- Na obra O pensamento Mestiço, grosso modo, Serge Gruzinski (2002) analisa o universo cultural de comunidades ameríndias da segunda metade do século XVI, procurando evidenciar que ele está impregnado de elementos europeus e vice-versa. A partir disso, conclui que ignorar os efeitos caóticos da chegada dos europeus e da colonização ocidental, desencadeados de forma contundente, sobretudo pelo processo de cristianização - tema central de outra obra de Gruzinski (2003) - é ocultar o próprio processo histórico. Em meio à desestruturação das sociedades originárias e à desordem imperante, surgiram espaços onde a improvisação se sobrepôs à norma, criando vínculos entre indígenas e espanhóis marcados, por indeterminações e precariedades. O autor adota o conceito de mestiçagem com o intuito de designar essas misturas que ocorreram em solo americano entre fragmentos de imaginários e formas de vida originárias de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Para o autor, a mestiçagem não é puro produto dos meios que a engendraram, mas resultado de processos inventivos em um espaço de alargamento de horizontes, que permitiu ajustes entre peças díspares, reorganizando-as e dando-lhes um sentido. Desta forma, rejeita visões dramatizadas que apresentam a história das sociedades ameríndias, a partir

- do século XVI, como uma história de aniquilação e ocidentalização pura e simples, mas também descarta as visões que buscam encontrar uma suposta pureza pré-colombiana.
- Aqui entra uma forte e fecunda crítica ao conceito de influência por sua pequena capacidade de explicação e clareza. Para a história transnacional, existe um processo de relação recíproca no qual o receptor é o elemento mais relevante e ativo da relação de transferência. Portanto, é preciso explicar como ocorrem as adaptações, as releituras, as recepções, etc., isto é, necessita-se compreender a materialidade dessas transferências, enquanto o conceito de influência enfatiza o produtor e não o receptor, como se a troca fosse passiva.
- Entendemos que cabe destacar uma colocação de Maurice Aymard que consideramos de suma importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Aymard (apud VILLAÇA, 2004, p. 24) afirma que, ao procurar explicar as semelhanças e as diferenças a partir da comparação, é necessário possuir a clareza de que causas semelhantes não produzem, necessariamente, os mesmos efeitos, ao passo que efeitos semelhantes podem remeter a causas distintas.

Referências

ANDREO, Igor. *Teologia da Libertação e Cultura Política Maia Chiapaneca:* o Congresso Indígena de 1974 e as raízes do Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Alameda, 2013.

BLANCARTE, Roberto. *Historia de la Iglesia en México*. México: Fondo de Cultura Económica / El Colegio Mexiquense, 1992.

BLOCH, Marc. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 47-63.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 58-88.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Depoimento de Ciro Flamarion Cardoso. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (Org.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 211-238.

CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*. 2015. (Decreto sobre a atividade missionária da Igreja). Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 7 jan. 2016.

ESPAGNE, Michel. *Les transfer culturels franco-allemanes*. Paris : Presses Universitaires de France, 1999.

GREW, Raymond. On the current state of comparative studies. In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Marc Bloch aujourd' hui*: histoire comparé et sciences siciales. Paris : École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. Estambul e México. *Varia História,* Belo Horizonte, n. 38, p. 265-272, 2007.

_____. *O pensamento mestiço.* São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. *Topoi,* Rio de Janeiro, n. 2, p. 175-195, 2001.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. In: ______. *History and Theory*. Middletown: Blackwell Publishing, 2003. p. 39-44.

LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

PREZIA, Benedito. 60 anos de presença missionária junto aos povos indígenas. In: ______. (Org.). Caminhando na luta e na esperança: retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indígena e dos 30 anos do CIMI. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *O império asiático português – 1500-1700*: uma história política e econômica. Lisboa: Difel, 1995.

TUPAYUPANQUI, Nicanor Sarmiento. La prehistoria de la Teología India. In: _____. *Teología India en la Iglesia Latinoamericana*. 1999. 208 f. Tese (Doutorado em História) – Universidad Católica de Bolivia, Santa Cruz, 1999. f. 18-43.

VILLAÇA, Mariana Martins. Introdução. In:
______. *Polifonia tropical*: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p. 13-38.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Beyond Comparison: *Histoire Croisée* and the challenge and reflexivity. *History and Theory*, Middletown, n. 1, p. 30-50, 2006.